

ALEXANDRE DE GUSMÃO: A IMAGEM MATERNA NO BRASIL COLONIAL

FÁBIO FALCÃO OLIVEIRA*

Resumo: Este artigo tem como finalidade a percepção da importância da figura materna para o jesuíta Alexandre de Gusmão, na obra *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia* (1689). Alexandre de Gusmão, tendo vivido na Bahia, fundou o Seminário de Belém da Cachoeira, considerado o motor de uma pedagogia. A importância da criação da mãe, a dedicação e o carinho na amamentação são pontos focados pelo autor para mostrar o cuidado da figura materna. Este documento apresenta uma proposta de leitura da *Arte de Criar Bem os Filhos* que objetiva, além da pedagogia gusmanina, a projeção da figura materna nas terras brasílicas.

Palavras-chave: Figura materna. Criação. Mundo português. Pedagogia.

Abstract: This article aims at the realization of the importance of the maternal figure to the jesuit Alexandre de Gusmão, on his work *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia* (*Art of Raising Children Well in Early Childhood* - 1689). Alexandre de Gusmão, having lived in Bahia, founded the Seminary of Belém da Cachoeira, considered the engine of a pedagogy. The importance of the mother in the task of raising, and the dedication during breastfeeding are themes focused by the author to show the relevance of the caring offered by the mother figure. This document presents a way of reading the *Art of Raising Children Well in Early Childhood* (1689), that focus not only on the gusmanian pedagogy, but also on the maternal figure on Brazilian lands.

Keywords: Maternal figure. Upbringing. Portuguese world. Pedagogy.

Introdução

Pensar no Brasil colonial é considerar como a educação se estruturou nas relações em um mundo que se tornara português. A arte, o comércio, a forma de perceber a vida são o espelho do colonizador, que concebia um mundo aparentemente estranho aos seus olhos. Neste Brasil colônia, a aplicação da catequese dava-se pelo projeto religioso dos jesuítas que se destacavam em relação a outras ordens. Entre tantos, Alexandre de Gusmão¹ opera na

Artigo recebido em 25 de Julho de 2014 e aprovado para publicação em 15 de Agosto de 2014.

*Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (atelc_off@hotmail.com).

¹ Na história do Brasil existiram três Alexandres de Gusmão. O primeiro foi o fundador do seminário de Belém da Cachoeira e autor de inúmeras obras (umas pedagógicas e outras religiosas). O segundo foi o diplomata nascido na colônia, secretário e inspirador do *Tratado de Limites* de 1750, irmão de Bartolomeu de Gusmão. O terceiro foi sobrinho de Alexandre de Gusmão e recebeu o nome em sua homenagem, entrou para a Ordem e foi reitor do colégio de São Paulo. Os dois últimos receberam o nome em tributo ao primeiro. Alexandre de Gusmão nasceu em 14 de agosto de 1629, em Lisboa, e ingressou na Companhia de Jesus no ano de 1646, no colégio

região do recôncavo baiano e contribui de forma significativa para o desenvolvimento educacional da colônia portuguesa no Brasil.

O objetivo é buscar entender a concepção pedagógica do papel da mulher na colônia brasílica, que Alexandre de Gusmão (1629-1724) elabora, promovendo um movimento educacional dentro do lar. Percebendo os mecanismos de uma cultura colonial (luso-europeia) conseguiremos caminhar na via dos movimentos históricos que acontecem neste período.

O nosso objetivo é entrar no mundo de Alexandre de Gusmão e compreender como ele inicia uma reflexão sobre a mulher em um período em que o mundo se estruturava no âmbito de uma educação religiosa cuja imagem feminina que reflete é a perfeição de Maria. Perceber essa ação de formação da figura materna é abrangermos a conexão social e histórica da mulher na colônia. Seu sentido, seu estabelecimento no lar, seu papel diante dos filhos, suas motivações, etc., contribuem para nos debruçarmos sobre algumas particularidades.

A obra analisada em questão é a *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia*² (Lisboa, 1685) que, em especial, oferecerá formas compatíveis para a construção dos objetivos propostos. Isso significa incluir os vetores educacionais proporcionados pelo momento histórico.

Pensar sobre a figura materna é uma tentativa de abranger o processo sociocultural da mulher que culminou na pedagogia jesuítica de Alexandre de Gusmão. Pedagogia que modelou a colônia portuguesa no século XVII e influenciou a estrutura educacional do recôncavo baiano.

Abrangentes, a figura materna e a prática educativa podem oferecer caminhos para conhecermos a proposta do Tratado; uma meta está traçada. A função materna não só mostra a centralidade do discurso teológico que vigorava na época, mas também, a pedagogia aplicada na prática do ato de educar. São os bons costumes que levam a criança³ para o

Jesuítico do Rio de Janeiro. Em 1664, ele foi ordenado padre Jesuíta. LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Tomo V. Lisboa: Livraria Portugália, 1945.

² Foi escrito aproximadamente no mesmo período em que Alexandre de Gusmão fundou o seminário de Belém da Cachoeira e, segundo Serafim Leite, esse Tratado juntamente com outra obra do autor colonial, a *Escola de Belém Jesus Nascido no Presépio* (Évora, 1678), foram responsáveis pelo nascimento do seminário. LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Tomo V. Lisboa: Livraria Portugália, 1945.

³ Quando falo sobre criança estou pensando na criança propriamente dita, de forma pluralística, os indivíduos na idade da puerícia, os meninos e as meninas. Quando aparecer a palavra *infante*, devemos pensar nas crianças nos seus primeiros anos de vida. Esta distinção foi feita por Alexandre de Gusmão para a necessidade de identificar e separar a criança do tempo pueril e do infante, nos primeiros anos de vida (os recém-nascidos): “Nos chamamos infante à criança, enquanto de si não tem ação racional, e para viver necessita de alheio socorro”. GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia – Dedicada ao Menino de Belém Iesu Nazareno*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslan, 1685, p. 170.

caminho da virtude. E Alexandre de Gusmão no seu Tratado aconselha os pais e mestres a ensinarem (começando pela meninice) a boa educação.

1. Figura Feminina e Início da Prática Educativa.

Entendemos que a colonização é um fator que opera um processo de propagação, não apenas exploratório como também cultural. A cultura é introduzida pelo colonizador de forma agressiva. Os interesses e os modelos se estabelecem como ferramenta de domínio. Vilela lembra-nos:

Países europeus colonizaram novos mundos, no processo que perdurou do século XV ao XIX. Nesse percurso, a cultura européia expandiu-se para outros continentes, incluindo, no que aqui nos interessa a universalização do conceito de ciência, de seus métodos e modelos.⁴

Essa expansão universaliza as formas de mundo, quero dizer, os homens acabam sendo assujeitados às novas estruturas impostas. A educação, por exemplo, se modelou conforme a mudança dos tempos; as normas educativas, o plano pedagógico e a forma de ensino configuram-se a maneira de uma sociedade portuguesa. Alexandre de Gusmão foi alguém que recebeu uma educação cujo modelo se encaixava em uma determinada época.

Entrou para a Ordem dos Jesuítas no ano 1646 e recebeu uma formação que era caracterizada pela visão educacional jesuítica, o que significava estudar Humanidades, Gramática, Retórica, Filosofia e Teologia, conforme o *Ratio Studiorum*.⁵ Para Sangenis,

em matéria de educação escolar, os jesuítas souberam construir a sua hegemonia. Não apenas organizaram uma ampla ‘rede’ de escolas elementares e colégios, como o fizeram de modo muito organizado e contando com um projeto pedagógico uniforme e bem planejado, sendo o *Ratio Studiorum* a sua expressão máxima.⁶

⁴ VILELA, Ana Maria Jacó. “História da Psicologia no Brasil: Uma Narrativa por Meio de seu Ensino”. In: *SCIELO/Psicologia: Ciência e Profissão*, vol.32. Brasília: mimeo, 2012, p. 30. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issueoc&pid=1414-989320120005&lng=es&nrm=iso. Consultado no dia 20 de Março de 2013.

⁵ Quando nos referirmos ao *Ratio Studiorum* (ou código jesuítico) devemos lembrar que ele é um código de normas e regras para o ensino. Quando falarmos desse documento poderemos chamá-lo não só de *Ratio Studiorum* como também de *código pedagógico jesuítico* ou simplesmente o *código jesuítico*. Esse código pedagógico é um projeto do P. Geral Cláudio Aquaviva – chama-se *Ratio Atque Institutio Studiorum* – que havia sido publicado somente no ano de 1599. BERTRÁN-QUERA, Miguel. “Introducción histórica y temática”. LABRADOR, C., BERTRÁN-QUERA, M., ESCANCIANO, A. Díez e ESCALERA, J. Mtnez de la. *La Ratio Studiorum de los Jesuítas*. Madrid; UPCM, 1986, *passim*.

⁶ SANGENIS, Luiz Fernando Conde. “Franciscanos na Educação Brasileira”. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. *Histórias e Memórias da Educação no Brasil – Vol. I – Séculos XVI-XVIII*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 93.

O *Ratio Studiorum* é um Plano de Estudos da Companhia de Jesus que forma um conjunto de *práxis* na educação que visa (**trans**)formar o campo da pedagogia como uma maneira e razão de ligação dos homens entre si, por meio da educação⁷.

A educação proposta pelos jesuítas não só marcava os fatos, mas proporcionava movimento, que os levava a fazer parte do mundo português – pelos colégios, livros ou pelo *Ratio Studiorum*. Os indivíduos trazem essa marca, o mundo português se faz presente na forma literária, pedagógica, social e religiosa. E a forma literária da obra *Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia* é a prova das experiências vivenciadas pelo autor na colônia, experiências que foram modeladas pelas três grandes obras jesuíticas, a saber, as *Constituições da Companhia de Jesus*, o *Ratio Studiorum* e os *Exercícios Espirituais*.⁸

É o *Código Jesuítico* o documento da Companhia de Jesus que expressa, segundo Costa “o caráter histórico da Sociedade de Jesus e, portanto, de sua racionalidade, nos seus primeiros decênios de existência, pois foi resultado de quase cinquenta anos de experiência em vários colégios, em todas as províncias jesuíticas”.⁹ Esse documento apresenta o verdadeiro valor histórico e intrínseco no estabelecimento de uma epistemologia pedagógica. Segundo Bertrán-Quera: “este ideal (*la pedagogía*) u objetivo de La Ratio Studiorum se encuadra necesariamente dentro de La historia del La Compañia de Jesús”.¹⁰

A influência do *Código Jesuítico* pode ser facilmente percebida no Tratado¹¹. O próprio Inácio de Loyola na Parte IV das *Constituições* lembra que a educação deveria ser a base comum para todos os colégios, partindo de pontos particulares e metodologias aprovadas que possibilitassem acomodações pedagógicas na diversidade de lugares, tempos e pessoas que viessem alcançar.¹² O *Ratio Studiorum* assumiu este caráter apresentado pelas

⁷ FRANCA, Leonel. *O Método Pedagógico dos Jesuítas – O Ratio Atque Institutio Studiorum*. Rio de Janeiro: AGIR, 1952, *passim*.

⁸ LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Tomo I. Lisboa: Livraria Portugália, 1938.

⁹ COSTA, Célio Juvenal. “Educação jesuítica no Império do Século XVI: o colégio e o *Ratium Studiorum*”. In: PAIVA, José Maria de, ASSUNÇÃO, Paulo e BITTAR, Maria (Org.). *Educação, Histórica e Cultura no Brasil Colônia*. São Paulo: Arké, 2007, p. 33.

¹⁰ “este ideal (*a pedagogia*) ou objetivo do *Ratio Studiorum* se encaixa necessariamente na história da Companhia de Jesus” – *grifo nosso*. BERTRÁN-QUERA, Miguel. “Introducción histórica y temática”. LABRADOR, C., BERTRÁN-QUERA, M., ESCANCIANO, A. Díez e ESCALERA, J. Mtnez de la. *La Ratio Studiorum de los Jesuítas*. Madrid; UPCM, 1986. p. 17, *et seq.*

¹¹ Existem muitos pontos de aproximação da *Ratio Studiorum* e da *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia*. Porém, não nos deteremos nestes pontos. Nossa empreitada é perceber, ainda que de forma breve, a figura da mulher no Tratado.

¹² *CONSTITUIÇÕES DA COMPANHIA DE JESUS*/Normas complementares. São Paulo: Loyola, 2004.

*Constituições*¹³ e, assumindo este discurso, doa para o mundo inaciano uma pedagogia que proporciona uma interpretação de mundo bem diferente das outras ordens.

Para tanto, Alexandre de Gusmão aplica uma pedagogia que leva o indivíduo a ser bom cidadão para a República e a metodologia apresentada sempre tem como finalidade oferecer um roteiro dos bons costumes, tanto no âmbito infantil, como no escolar ou familiar.¹⁴ Uma de suas preocupações é a educação das meninas. Essa preocupação permitiu ao Tratado formar uma figura familiar que deveria ser preservada e modelada no vigor da honra e da castidade da mulher – visão do mundo medieval.

A imagem de Maria apresenta-se como exemplo, aquela que é a “Soberana Virgem e Mãe”. Maria, para Alexandre de Gusmão, conservou-se ao conferir todas as palavras do Verbo (Jesus). E completa: “*Maria autem conservabat omnia verba hec, conferens in corde suo*”.¹⁵

Entre tantos exemplos destacados pelo jesuíta Alexandre de Gusmão, ele se lembra do mito do Mosteiro de Cluniacense, onde o principal abade era S. Hugo. Lá havia uma celebração dos “Mistérios do nascimento de Cristo” e Gusmão escreve que o abade tinha tamanha devoção, que chegou a afirmar naquela noite ver o menino Jesus com sua mãe. Os dois ajudaram na celebração da festa, segue o texto:

(...) naquela dulcíssima noite, que em húa delias vio o S. Abbade, que o Menino JESU vinha mesmo em companhia de sua Santíssima Mãy ajudar a celebrar a feita, batendo com as palmas, e dando faltinhos de prazer, e que virado para sua Mãy, dizia: Não vedes May minha, May como he festejada a noite em que de vos nasci?¹⁶

O destaque do mito está no fato da manifestação milagrosa do aparecimento de Maria e Jesus, incutidos na história a importância do evento da natividade de Cristo e o personagem que propiciou isto (Maria). É claro que a imagem de Maria era destaque em toda a cristandade católica, nisso Alexandre de Gusmão apenas apresenta sua devoção, mas ela é o exemplo que ele usar para apresentar à sociedade uma proposta educativa, a qual todas as mulheres

¹³ BERTRÁN-QUERA, Miguel. “Introducción histórica y temática”. LABRADOR, C., BERTRÁN-QUERA, M., ESCANCIANO, A. Díez e ESCALERA, J. Mtnez de la. *La Ratio Studiorum de los Jesuítas*. Madrid; UPCM, 1986, *passim*.

¹⁴ GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de Crear Bem os Filhos na Idade da Puerícia – Dedicada ao Menino de Belém Iesu Nazareno*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslan, 1685, *passim*.

¹⁵ “Mas Maria guardava todas estas palavras, meditando-as no seu coração” (Lucas 2,51); *BÍBLIA SAGRADA*. Edições Pastoral. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1990; GUSMÃO, Alexandre de. *Escola de Belém*. Jesus Nascido no presépio. Évora: Oficina da Universidade de Évora, 1678, p. 42.

¹⁶ GUSMÃO, Alexandre de. *Arvore da Vida, Jesus Crucificado. Dedicada Á Santíssima Virgem Maria N. S.Ra Dolorosa Ao Pe Da Cruz* [Obra Posthuma dada à Estampa Pelo P. Martinho Borges, da mesma Companhia, Procurador Geral da Província do Brasil]. Lisboa: Officina de Bernardo da Costa Carvalho, 1735, p. 297.

deveriam seguir. Alexandre de Gusmão pensa na figura materna ou na educação de meninas em uma época em que a educação servia apenas aos meninos e isso é significativo.

Para o autor, a menina desde pequena deveria ser educada para se tornar boa mãe: “a primeira advertência, que se deve oferecer na boa criação das meninas, é a guarda e recolhimento”.¹⁷ Continua Gusmão:

A filha bem guardada é a vigília do pai e seu cuidado lhe tira o sono; os antigos para significarem qual deveria ser esta guarda das meninas, pintavam a Deusa Palas armada de sua adarga, e lança, e junto a si um dragão, que dizem ser um animal que nunca dorme.¹⁸

Esta Deusa Palas era conhecida como Athena – que, segundo Eliade, Hesíodo e Homero irão chamá-la de *Palas* (*Pallas* – *παλλας*). Cultuada na corte minoica e nos palácios situados na acrópole recebeu o título de *Parthenos*, que, em grego, significa virgem, isto para se referenciar aos segredos mistérios de sua liturgia.¹⁹

A palavra *Palas* surge de uma evolução linguística, de *parthenos*, *parthinus* (no grego), que participa da construção de outra palavra em latim, *palātium* (palácio), *palatiānus* e, mais tarde, *palātīnus*²⁰, que é relativo ao palatino medieval e que oferecerá a raiz da palavra latina *paladium*.²¹ Exemplo: a palavra latina *palatiānus*, que acabamos de citar, surge da junção grega para designar a deusa Athena, “Pallas Athena”; outro título da deusa, “Athena Parthenos”, ou melhor, um trocadilho de “Pallas Atenas”, que leva à palavra *parthenos*.²²

¹⁷ GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia – Dedicada ao Menino de Belém Iesu Nazareno*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslan, 1685, p. 377.

¹⁸ GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslan, 1685, p. 378.

¹⁹ ELIADE, Mircea. *História das Crenças e das Ideias Religiosas: da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis*, vol I. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, *passim*.

²⁰ CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira Da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

²¹ MAGALHÃES, F. *Dicionário Latim-Português*. São Paulo: Editora Lep S.A., 1960.

²² Vários monumentos, estátuas e templos foram erguidos em homenagem à Athena Parthenos. BROWN, Dale M. (org.). *Civilizações Perdidas: Grécia: Templos, Túmulos e Tesouros*. 1ª edição, trad. Vera Sílvia Camargo Guarnieri. Rio de Janeiro: Editora Abril Coleções Ltda, 1998, p. 95, lembra que o Partenon tinha a forma retangular, dividido em duas seções por uma parede: a leste o Hecatompedon; a oeste, o Partenon, ou sala dos jovens. O Partenon foi um templo cuja criação esteve sob a responsabilidade de Fídias. O nome do templo, Partenon (casa da virgem) é uma referência ao nome da deusa Athena (Parthenos – a virgem). Um detalhe chama a atenção de Brown: todas as construções das cidades gregas sempre “estavam voltadas para o sul, em direção do Partenon”. Para BULFINCH, Thomas. *O Livro de ouro da Mitologia/Histórias de Deuses e Heróis*. 26ª Ed., trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002, todos os templos dedicados à deusa Parthenos eram construídos numa Acrópole. Athena é representada como sábia e protetora dos heróis; Consultamos ainda: GINGRICH, F. Wilbur e DANKER, Frederick W. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. São Paulo: Vida Nova, 1993; KIRST, Nelson et al. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Editora Vozes, 2009; STRONG, James. *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

A questão da virgindade e a guarda da criança com o intuito de não perder a pureza eram temas frequentes não só na Igreja como em civilizações antigas. Por esse motivo, Alexandre de Gusmão traz a figura mitológica de uma deusa grega, Athena²³, com uma adarga (escudo), uma lança e um dragão, revelando o mundo religioso que o circunda²⁴: a adarga representa a sabedoria que a protege da tolice; a lança, a palavra sábia e eficaz que a favorece diante do mundo e o dragão, a capacidade de perceber os arcanos da religiosidade.

Para o autor colonial, as donzelas são puras como meninas-dos-olhos “que é (a parte) mais simples e delicada que tem no corpo, e, por isso, qualquer arqueiro a(s) ofende, qualquer névoa lhe(s) faz mal; assim também as meninas de casa”.²⁵ A virgindade é o valor da mulher e o exemplo de Maria *Parthenos* (Mateus 1,23)²⁶ – a menina, para se tornar boa mãe, deverá seguir esse exemplo. Alexandre de Gusmão irá falar das meninas apenas no último capítulo do Tratado: a virtude da criação que os pais oferecem pelos bons costumes ou pela fé católica modela o caráter das meninas. Seu maior exemplo para expor a prática do ensino são as santas da fé católica e a principal figura, como já pontuado, é Maria, a quem, no futuro, as meninas devem imitar para se tornarem boas mães.²⁷

A catequese e a educação são os principais traços da Companhia de Jesus e desvendam expressões pedagógicas que têm como meta a inserção do homem e da mulher tanto no mundo português quanto na colônia brasileira. Alexandre de Gusmão, como jesuíta, mostra especial atenção com a educação de homens e mulheres. O Tratado *Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia* revela um mecanismo sociocultural que envolve uma empresa de forte cunho pedagógico-jesuítico. Pedagógico, porque existe uma proposta educativa, apesar

²³ Para conhecermos mais sobre a etimologia do nome próprio de Atenas, aconselhamos a leitura do bom texto de FELISBERTO, Artur. *NUMANCIA: Imperium Numinibus in Nomine Domine – mitemologia racional (estudo comparado da nomenclatura, etimologia e fenomenologia mística)*. Mimeo: 8 de setembro de 2013. Disponível em: <http://arturjotaef-numancia.blogspot.com.br/2013/09/heteronimos-de-atena-iv-atena-palas.html>.

²⁴ GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia – Dedicada ao Menino de Belém Iesu Nazareno*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslan, 1685.

²⁵ GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia – Dedicada ao Menino de Belém Iesu Nazareno*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslan, 1685, p. 380.

²⁶ *BÍBLIA SAGRADA*. Edições Pastoral. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1990.

²⁷ A educação de meninas para ele é a base da formação familiar, pois sobre elas devemos pensar como “Salomão nos *Provérbios*, segundo a versão dos setenta, assim chama as meninas, porque na palavra grega soa o mesmo *meninas dos olhos*, que menina da casa”. Ou seja, assim como temos um cuidado especial com os olhos devemos ter, da mesma forma, um cuidado especial com elas; a meninas se tornarão responsáveis pela casa e pela honra do marido e da família. GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia – Dedicada ao Menino de Belém Iesu Nazareno*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslan, 1685, p. 377.

da religiosidade da época. Sobre isso, Paiva comenta: “o religioso implicava a atuação dos seres celestiais nos negócios deste mundo”.²⁸

Entender a figura de Maria, ou dos santos, como a exposição da compreensão que a sociedade tinha de si e de suas práticas é compreender a trama e a atuação de um personagem, Alexandre de Gusmão, diante do mundo que se descortina perante seus olhos.

2. Aos Olhos de Alexandre de Gusmão a Imagem Feminina

Observamos nos trabalhos de Alexandre de Gusmão a expressão da originalidade de uma época renascentista/humanista que influenciou várias pessoas e sua importante contribuição para a formação educacional do século XVII.

Segundo Labrador “la presencia de La Companhia de Jesús en El panorama educativo del mundo moderno há configurado un modo de *ser y de hacer* en educación”.²⁹ O modo de perceber o mundo da Companhia de Jesus configurou toda a estrutura educacional da colônia. Avançando, devemos lembrar que existia também uma intencionalidade, tanto dos jesuítas como do autor colonial. Ferreira Junior destaca que

(...) movidos por esses princípios militantes, que os padres jesuítas desembarcaram no mundo colonial ibérico. Somente nas terras brasílicas, por exemplo, a Companhia de Jesus exerceu uma hegemonia educacional de 210 anos, que começou em 1549, com a chegada da primeira expedição liderada pelo padre Manoel da Nóbrega, até 1759, quando foi expulsa pela política empreendida por Pombal, o primeiro-ministro do rei D. José I.³⁰

A busca por hegemonia educacional nas terras brasílicas leva Alexandre de Gusmão a estabelecer uma política pedagógica de conservação familiar que engloba o mundo português que estava se estabelecendo no Brasil. A mulher sempre é vista como um ser frágil em relação ao homem. Esta fragilidade feminina em relação ao gênero masculino é uma herança patriarcal, que permaneceu tanto no período medieval como na modernidade³¹ e, de forma peculiar, é propagada pelos jesuítas. Pois para a ordem social só poderia ser valorizado o

²⁸ PAIVA, José Maria de. “Religiosidade e cultura brasileira – século XVI”. In: PAIVA, José Maria de, ASSUNÇÃO, Paulo & BITTAR, Maria, (org.). *Educação, História e Cultura no Brasil Colônia*. São Paulo: Arké, 2007, p. 13.

²⁹ “a presença da Companhia de Jesus no cenário educacional do mundo moderno estabeleceu um modo de ser e de fazer educação”. LABRADOR, Carmem. “Presentación”. In: LABRADOR, C., BERTRÁN-QUERA, M., ESCANCIANO, A. Díez e ESCALERA, J. Mtnez de la. *La Ratio Studiorum de los Jesuítas*. Madrid; UPCM, 1986, p. 9.

³⁰ FERREIRA JUNIOR, Amálio. “Os jesuítas na pesquisa educacional”. _____ (Org.). *Em Aberto/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira*. Brasília: Em Aberto, v. 21, n. 78, 2007, p. 10.

³¹ FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. São Paulo: Editora Recorde, 2001, *passim*.

matrimônio se não houvesse mácula: “o modelo do casamento aristocrático constituía um ato doméstico, privado”.³²

Entre os séculos IX e XIII, por exemplo, três vertentes retratavam bem a condição da mulher na sociedade: uma, monástica e ascética³³; outra, a do clero secular³⁴ e, ainda outra, oriunda da Reforma Gregoriana³⁵. A mulher no período colonial foi considerada “receptáculo das tradições culturais e das virtudes morais que se desejava transmitir aos colonos, para que desempenhassem papéis de súditos fiéis e bons cristãos”.³⁶

Toda essa herança medieval é transportada para a colônia. Por muito tempo, a mulher, indubitavelmente, desempenha um papel importante na família e comunidade. Seus papéis são múltiplos: ela educa, ensina a moral cristã, auxilia no ambiente familiar, contribui para o desenvolvimento do infante, harmoniza as relações familiares e ensina o respeito aos filhos. A mulher se torna um personagem central e participa da vida da criança. Segundo Arce, as imagens de mantedora central do lar, ou daquela que com doçura e amor ensina e desempenha outras atribuições, são símbolos constantes em diversas culturas.³⁷

Del Priore entende que o papel da mulher, além de oferecer para a sociedade colonial a figura materna, contribuiu para formar uma figura de conservadora da vida. As práticas da medicina exercidas pelas mulheres eram percebidas como magia, que fermentava o mundo mitológico do homem colonial. Os temores místicos provocados pelas práticas de cura foram aos poucos desaparecendo, quando as mulheres assumiram o papel dos médicos, que eram escassos na colônia.³⁸

³² MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 16.

³³ Segundo Macedo essa corrente pregava a recusa do mundo, “desprezava-o, condenando-o, como se representasse ao mesmo tempo mácula e um obstáculo à contemplação e à pureza da alma”. Cf. MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 17.

³⁴ Essa vertente não somente aceitava o casamento, como defendia a ideia de matrimônio de religiosos. MACEDO, 1997, loc. cit.

³⁵ É no século XI e XII que essa reforma visou combater os Nicolaístas. Estes entendiam que o clero poderia casar-se e isso feria a doutrina da Igreja Católica, que guardava e entendia que o celibato era honroso aos olhos de Deus. A Reforma Gregoriana pretendia, por intermédio do casamento, controlar os desejos carnis. O desejo carnal só poderia ser controlado, segundo esta vertente, por meio do casamento. MACEDO, 1997, loc. cit.

³⁶ ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e Devotas: mulheres da colônia*. Condição Feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil, 1750-1822. Rio de Janeiro: José Olympio/ Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1993, p. 53.

³⁷ ARCE, Alessandra. “Lina, uma criança exemplar! Friedrich Froebel e a pedagogia dos jardins de infância”. In: *REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO – Nº 020*. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2002, *passim*.

³⁸ DEL PRIORE, Mary. “Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino”. In: _____. *História das Mulheres no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto/Unesp, 1997, p.112.

Os sentimentos estavam enraizados pelas virtudes morais cristãs e surgem na colônia como fator formador familiar. No Tratado essas virtudes também aparecem e nos leva a pensar sobre o significado da palavra “mãe” no século XVII. Vindo da raiz latina, *Mater* significa “mulher que deu luz a um ou mais filhos, causa, origem, fonte”, já no século XVI, refere-se à “mãe, leito de rio, útero, terra mineral, superiora”³⁹.

No período colonial, inegavelmente a matriarca da casa deveria ser como a imagem de Maria. Já na língua latina, a palavra *Mater* nos leva a entender que a matriarca deveria ser como uma terra fértil e um bom leito de rio, símbolos da vida.

Para Alexandre de Gusmão, as mães são tão responsáveis quanto os pais para a boa criação dos filhos. Seguem os exemplos: “as mães ensinam com mais doçura”, pois “que em quanto os filhos são meninos de mais proveito lhes é a doutrina das mães”, conseqüentemente, “a má criação dos filhos mais se atribuem ao descuido das mães, do que á negligencia dos pais” e “assim como saírem os meninos mal criados nos corpos se atribuem ás mães e não aos pais, o mesmo se há de dizer da criação moral se saírem mal criados nos costumes”⁴⁰.

Para exemplificar, no senso comum a palavra materna, na qual está a raiz latina *Mater*, é tomada pelo *Dicionário Escolar* como “Da mãe; próprio da verdadeira mãe; carinhoso; designativo de parentesco do lado da mãe, termo afetuoso; carinhoso”⁴¹.

Tanto etimologicamente quanto no uso comum a palavra “mãe” carrega um sentido forte e cheio de significados. A palavra *Mater* em sua etimologia revela o ritualismo uterino materno. Quer dizer, ser “mãe, leito de rio, terra mineral, superiora”, etc. Lembramos aqui de Eliade, que sempre apresenta a relação matriarcal como fundamento para o ritualismo do homem (num sentido geral), compondo sua relação com a natureza, enquanto a mulher é vista por esse autor como aquela que se aproxima (na antiguidade) do cosmos, ela conhece os mistérios da vida, ela concebe a existência pela gestação.⁴²

Alexandre de Gusmão retrata bem essa perspectiva. Para ele, a mulher que é mãe tem obrigação, juntamente com o patriarca, de ensinar a boa educação aos meninos e meninas, isso é o mundo para ele – cultura luso-européia. Seguem algumas citações:

³⁹ CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira Da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997, p. 488.

⁴⁰ GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia – Dedicada ao Menino de Belém Jesu Nazareno*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslan, 1685, p. 76 – 70.

⁴¹ BUENO, F.S. *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: FAE, 1986, p. 708.

⁴² ELIADE, Mircea. *História das Crenças e das Ideias Religiosas: da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis*, vol. I. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Suposta a obrigação dos pais na boa criação dos meninos, pergunteis, a quem ocorre mais a obrigação de os ensinar, ao pai, ou à mãe? Não há dúvida, que é de ambos a obrigação, porém com esta distinção, que o pai está mais obrigado à correção e a mãe a direção (...) de sorte que ao ensino do pai chama disciplina, que denota severidade, e ao ensino da mãe chama lei, que significa brandura (...) os pais ensinam os filhos com mais severidade, porque os amam com mais força, e as mães os ensinam com mais suavidade, porque os amam com mais doçura.⁴³

A pedagogia gusmanina trata a figura do pai como alguém cuja virilidade se manifesta⁴⁴ e a mulher, por outro lado, revela-se na imagem de fragilidade e doçura. A figura matriarcal no Tratado é indicada como aquela cujo papel é mostrar a direção para os filhos. Ela é afável quando apresenta brandura e ensina com suavidade porque os ama com doçura.

Se o pai é a representação da força, a mulher aparece como expressão da fragilidade. Por esse motivo, ao pai é dado o direito de disciplinar, corrigir, instruir e ser severo quando for preciso, com finalidade de educar.⁴⁵

3. Figura Materna: Educação para a Família Colonial

Dependendo das circunstâncias, a mulher sempre foi vista pelos religiosos com olhar de inferioridade, ou como “*naturalmente inferior ao sexo viril*”.⁴⁶ Isso significava que a “inferioridade” feminina, como destaca o autor citado, surgia da manifestação da sua fraqueza diante dos perigos da carne – referindo-se ao desejo prazeroso.⁴⁷ Ao homem, era dado no período medieval e moderno o direito de castigar, não só os filhos, como também a mulher, reafirmando a autoridade viril do sexo masculino.⁴⁸

⁴³ GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia – Dedicada ao Menino de Belém Jesu Nazareno*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslan, 1685, p. 76 – 77.

⁴⁴ “O pai está mais obrigado à correção (...) de sorte que ao ensino do pai chama disciplina (...) os pais ensinam os filhos com mais severidade, porque amam com mais força”. Cf. GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslan, 1685, p. 76, et seq. Como observamos, a imagem que o autor tem do pai é aquela que representa a força e a firmeza do homem que mantém a casa e a instrui, com correção, disciplina e severidade.

⁴⁵ GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslan, 1685, *passim*.

⁴⁶ MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 19.

⁴⁷ Cf. MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 20, explica que a mulher não deveria demonstrar sensações de prazer no ato sexual, ela sempre deveria demonstrar-se passiva no exercício de sua sexualidade. A posição da prática sexual sempre deveria demonstrar a submissão que tinha em referência ao marido.

⁴⁸ Para os pensadores da época, a palavra latina que designava o sexo masculino, *Vir*, lembrava-lhes *Virtus*, isto é, força, retidão, enquanto *Mulier*, o termo que designava o sexo feminino lembrava *Mollitia*, relacionada à fraqueza, à flexibilidade, à simulação. Os homens, pais ou maridos, reservavam o direito do castigá-las como a uma criança, a um doméstico, a um escravo. Era um direito de justiça inquestionável, primordial, absoluto. MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 21.

O Brasil e suas características de formação social são expostos nas vertentes das relações econômicas dos três primeiros séculos da colonização portuguesa, um mecanismo que traduzia o mercantilismo em circulação de produção. Nesta sociedade destacada pelo autor, “aos jesuítas sobraría a alternativa de ministrar educação humanística aos jovens provenientes de famílias abastadas”⁴⁹.

Essa pedagogia jesuítica levou para a colônia o modelo português que implicava em destacar uma educação religiosa que implicasse na formação educacional familiar; os indivíduos que residiam nas terras de Portugal assimilaram isto e o mecanismo mercantilista determinou esse parâmetro. Isso era plausível, como assinalam Bittar e Ferreira Junior ao escreverem sobre Anchieta. Segue o texto: “Para Anchieta fica evidente que os padres jesuítas não separam a educação escolar das primeiras letras do processo catequético que convertia os filhos dos ‘gentios’ à fé ‘cristã’”.⁵⁰

Alexandre de Gusmão desenvolveu uma pedagogia que evidenciava tanto a fé como o processo educacional jesuítico. As letras se estabeleciam como harmonia do discurso de Roma. Sua forma de olhar os indivíduos mostra a maneira e a compreensão de um homem que concebia uma configuração catequética no processo pedagógico.

As mulheres e sua imagem materna fragilizada deveriam ser compreendidas como régua da casa⁵¹, como aquelas que estavam dentro do padrão religioso demarcado na colônia, a maneira da herança romana pregada pela Igreja Católica e apresentada pelo colonizador às terras brasílicas mostra que “suas relações limitavam-se à *domus*, a casa, governada pelo pai, marido ou sogro”.⁵²

O autor do Tratado, na qualidade de cristão, entendia a relação da mulher e das meninas na perspectiva da mística religiosa – “A tua mulher será como a videira frutífera aos lados da tua casa” (Salmo 128,3). No discurso existe uma distinção entre o amor paterno e o materno, tendo-se em mente que tanto o pai quanto a mãe são responsáveis nesta obrigação. Os pais com o dever de corrigir os filhos e as mães o de ensinar qual o caminho a ser seguido,

⁴⁹ BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 25.

⁵⁰ BITTAR, Marisa e FERREIRA JUNIOR, Amarílio. “Casas de bê-á-bá e colégios jesuíticos no Brasil do século 16”. FERREIRA JUNIOR, Amarílio (Org.). *Em Aberto/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira*. Brasília: Em Aberto, v. 21, n. 78, dez, 2007, pp. 33-57.

⁵¹ Neste sentido, Alexandre de Gusmão viabiliza a figura materna quando pensa sobre isso em uma época que a educação era masculina. Em sua proposta percebemos uma educação feminina respeitosa e sincera que deve ser tomada dentro dos modelos do século XVII – por isso desde pequena a menina deveria ser educada para se tornar boa mãe: “a primeira advertência, que se deve oferecer na boa criação das meninas, é a guarda e recolhimento”. GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia – Dedicada ao Menino de Belém Iesu Nazareno*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslan, 1685, p. 377.

⁵² MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 19.

enquanto os filhos são meninos, de mais proveito lhes é a doutrina das mães, porque assim como o leite da mãe é proveitoso ao menino do que outro qualquer leite para criação da natureza, assim a doutrina da mãe é mais útil aos meninos para criação dos costumes.⁵³

Para a pedagogia gusmanina⁵⁴, a criação das crianças pela mãe é mais proveitosa, como informa o Tratado: “os filhos bem ou mal criados se atribui às mães (...) o filho ignorante é a tristeza da mãe (...) o filho mal criado é desonra da mãe”.⁵⁵ Para ele, o fracasso educacional das crianças recai muito mais sobre a mãe do que sobre o pai: “É a razão por que a má criação dos filhos mais se atribui ao descuido das mães, do que à negligência dos pais, e, por isso, há de ser delas também a desonra, e confusão”.⁵⁶

Esse fracasso da criação das crianças pelas mães negligentes só poderia ser superado quando se seguisse o exemplo de Maria, por quem os membros da Companhia tinham total veneração: “se todos formos dignos filhos da Mãe de Jesus, todos seremos sacerdotes de sua mãe”.⁵⁷ Elas deveriam cumprir pontos significativos na proposta educacional. Esses pontos são chamados de “razões”, isto é, algo que seja coerente ou congruente.

A primeira razão por ele destacada é a inclinação amável da criança pela mãe. Gusmão argumenta que autores como Tiraquelo, Aristóteles, Galeno e Avicena⁵⁸ em seus escritos lembram que: “Os filhos mais participam às naturezas e inclinações das mães que dos pais, e,

⁵³ GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia – Dedicada ao Menino de Belém Iesu Nazareno*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslan, 1685, p. 77.

⁵⁴ Apesar de todas as dificuldades para se estabelecer uma educação familiar promovida pelas mães na colônia, elas estavam cada vez mais se tornando Senhoras de casa diante da sociedade. Badinter entende que a posição da mulher no século XIX é de educadora. No século XVIII, a mulher auxilia os médicos no exercício de certas funções de higiene na sua própria casa. Ela passa a ser responsável pela saúde e educação dos filhos. “O bebê e a criança transformaram-se em objetos privilegiados da atenção materna. A mulher aceita sacrificar-se para que seu filho viva, e viva melhor junto dela”. BADINTER, Elisabeth. *Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 202. Sobre isto também recomendamos a obra de DEL PRIORE, Mary. “Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino”. In: _____. *História das Mulheres no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto/Unesp, 1997.

⁵⁵ GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia – Dedicada ao Menino de Belém Iesu Nazareno*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslan, 1685, p. 78.

⁵⁶ GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslan, 1685, p. 79, *et seq.*

⁵⁷ _____. *Rosa de Nazareth nas Montanhas de Hebron, a Virgem Nossa Senhora na Companhia de Jesus, Dedicada à mesma Soberana Virgem em sua Gloriosa Assumpção*. Lisboa: Na Officina Real Deslandesiana, 1715, p. 51.

⁵⁸ Uma curiosidade: no *Ratio Studiorum*, entre várias regras e normas para o direcionamento da leitura, existe uma em especial que nos chama atenção, a *Regra do Professor de Filosofia* no § 5. Ela diz para o professor não se filiar à seita filosófica estranha – “não se filie nem a si nem a seus alunos em seita alguma filosófica como o dos Averroístas, dos Alexandritas e semelhantes; nem dissimule os erros de Averrois, de Alexandre e outros, antes tome daí ensejo para com mais vigor diminuir-lhes a autoridade”. Alexandre de Gusmão parece ignorar essa recomendação e aponta Avicena e sua recomendação como aceitável. Não quer dizer que com isso ele abandone o *Ratio Studiorum*, mas isso nos mostra o espírito de um homem que, de maneira simples, ousava refletir.

saindo maus filhos, se presume ser mais culpa das mães do que dos pais”.⁵⁹ Ou seja, sendo os filhos mais apegados à figura materna, a culpa ou o mérito sobre a conduta (educação) da criança recaía sempre sobre a mulher.

Nunca uma mãe deveria abandonar seu filho, essa é a segunda razão destacada pela pedagogia gusmanina. Para o jesuíta, “a natureza destinou às mães mais tempo para a geração, e criação natural dos filhos, do que os pais, assim parece lhes tem cometido mais tempo para criação dos costumes”.⁶⁰ Como à mãe é destinado, segundo a própria natureza, maior tempo com a criança, é seu dever “natural” a boa criação dos filhos. O cuidado e o trato da criança e do infante estão sob a responsabilidade direta da mãe.

Isso significa que qualquer malefício em relação às crianças, provocado pelo abandono da mãe, seria ela a responsável direta – por má educação, má alimentação, alguma doença que pudesse aparecer, etc. “Assim como saíram os meninos mal criados nos corpos se atribui às mães e não aos pais, o mesmo se há de dizer da criação moral se saírem mal criados nos costumes”.⁶¹

A terceira razão se resume na possibilidade de descuido da mãe em relação à criança. Se a criança vir a adoecer ou crescer “mal criado” por não adquirir uma moral cristã satisfatória, Alexandre de Gusmão atribui essa responsabilidade à mãe e não ao pai:

Porque as mães, como assistem (ou moram, vigiam a criança) mais tempo com os filhos, quanto são meninos, do que assistem os pais, tem mais ocasião de lhes assistir com o ensino, e de os corrigir com a repreensão (...) logo se não saírem os filhos bem morigerados, se presume, que foi por negligência das mães, que podendo se descuidaram na boa direção dos filhos (acrécimo em parênteses meu).⁶²

Não educar e não aplicar a palavra de correção aos filhos era considerado erro grave das mães. Para Gusmão, as crianças são como terra virgem pronta para receber a semente, isto é, a assimilação da palavra da mãe, seus conselhos, sua virtude e educação são recebidas sem recusa pelos infantes. Essa é a quarta razão, a aplicação da palavra educativa:

⁵⁹ GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia – Dedicada ao Menino de Belém Iesu Nazareno*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslan, 1685, p. 79.

⁶⁰ GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslan, 1685, p. 79, *et seq.*

⁶¹ GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslan, 1685, *passim*.

⁶² GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslan, 1685, p. 79-80.

(...) porque os filhos, enquanto são meninos, tomam melhor, e têm por evangelho as palavras de suas mães; que por isso Salomão aos conselhos de sua mãe Barsabé⁶³ chama revelação, e naquela tenra idade estão dispostos os ânimos dos meninos, como a terra virgem para quanto as mães lhe plantem. Donde o Espírito Santo, quando diz ao menino, filho, não deixe a lei de tua mãe.⁶⁴

Essa última razão mostra bem o papel da mulher como mãe, como aquela que deve orientar, que deve plantar a boa educação enquanto os filhos forem pequeninos. A palavra que sai dos lábios da mãe é a vida da criança e ao mesmo tempo apresenta o fundamento da cultura portuguesa que se apresenta na colônia.

As razões apresentadas exprimem bem o sentimento do autor colonial que apresenta no seu Tratado uma forma de perceber a figura feminina na educação. E a presença maternal implica na responsabilidade de unidade familiar e social. Para Alexandre de Gusmão, Maria como mãe é a máxima representação. Para ele Adão possibilitou a entrada do pecado, mas Maria é a raiz da entrada da salvação por Cristo: “Assim na obra da reparação do mundo, nada obrou sem a Mãe temporal: *Per ipsam, e in ipsa, e de ipsa totum hoc faciendum, e sicut sine ipso factum est nihil, ita sine illa nihil reffectum est*”.⁶⁵

Falar sobre símbolos religiosos da Companhia de Jesus (Jesus, Maria, os santos, etc.) é, para qualquer jesuíta da época, falar das representações no âmbito da Ordem e isso significa aproximar catequese de ensino. A criança, o pai, a mãe e todos são indivíduos que vivem os valores de uma sociedade.

E Alexandre de Gusmão entendia desta maneira, todos poderiam ser incluídos neste ensino e aprender as virtudes necessárias para ser um bom cristão: “Não só he estado, mas também he escola de perfeição o Estado Religioso, onde se ensina, e se aprende a sabedoria do céu, que he a caridade de Deus, e exercício de todas as virtudes”.⁶⁶

Na cultura romana, a mulher era vista como esposa fiel e cuidadosa, o papel familiar e a educação não era algo marginal.⁶⁷ Essa herança romana persegue a Igreja e o mundo

⁶³ Barsabé, mencionada por Alexandre de Gusmão, é Bate-Seba (ou Batseba que no Hebraico significa “filha da opulência”). Filha de Eliã e mulher de Urias, o heteu (II Samuel 11, 3), ela ficou conhecida pelo evento no qual Davi, rei de Israel, traiçoeiramente mata Urias para se apropriar de Bate-Seba (II Samuel 11. 6-25).

⁶⁴ GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de Crear Bem os Filhos na Idade da Puerícia*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslan, 1685, p. 80, *et seq.*

⁶⁵ GUSMÃO, Alexandre de. *Árvore da Vida, Jesus Crucificado. Dedicada à Santíssima Virgem Maria N. S. Ra Dolorosa ao pé da Cruz*. Obra Posthuma dada à estampa pelo P. Martinho Borges, da mesma Companhia, Procurador Geral da Província do Brasil. Lisboa: Officina De Bernardo Da Costa Carvalho, 1734, p. 25.

⁶⁶ GUSMÃO, Alexandre de. *Meditações Para Todos os Dias da Semana, Pelo Exercício Das Três Potências da Alma, Conforme Ensina S. Ignácio Fundador Da Companhia de Jesus: Pelo Padre Alexandre de Gusmão, da Mesma Companhia*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1689, p. 9.

⁶⁷ CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: UNESP, 1999, *passim*.

européu por séculos e Alexandre de Gusmão perpetuou essa herança cristã. Em uma de suas obras, chamada *História do Predestinado Peregrino, e seu irmão Precito*, ele apresenta a história de um “Peregrino” que busca numa peregrinação mística, encontrar a si mesmo, na possibilidade de entender os mistérios de Cristo e da Virgem Maria.⁶⁸ Passando por Nazaré, e tomado de curiosidade, convida suas companheiras, Devoção e Piedade, para ver os edifícios antigos e tentar entender o que as construções poderiam apresentar sobre a vida dos antigos nazarenos, como viviam, sua devoção, etc. Quando chegou a um determinado lugar, viu a casinha de Maria e José. Segue o texto:

Porque ali viu, como daquela humilde casinha havia recebido essa razão o encarnado, de que se vestiu, como havia escondido ali por trinta anos o flagrante de seu exemplo, e a virtude de seu poder, vivendo sujeito a José e Maria sua mãe em exercício de piedade, e devoção.⁶⁹

Sobre Maria, diz o autor, que vive “em exercício de piedade e devoção”. Piedade, do latim *piētās*, significa “amor e respeito, pena dos males alheios”⁷⁰, palavra que se tornou forte no século XIII d. C. Devoção, vem da palavra *devōtio*, do latim, e significa “oferecer em voto, dedicar, consagrar, tributar”.⁷¹

A piedade e devoção aparecem como instrumentos do caráter da mulher, cujo exemplo que tem a seguir é Maria. O Tratado, livro que traz inúmeras camadas da tradição romana incutida na igreja, nos possibilita uma leitura dos componentes que formam a prática educativa do lar na colônia brasileira, tendo a figura materna como influência educadora da criança.

Mas isso não quer dizer que em outras obras de Alexandre de Gusmão essa figura, a mulher exemplar, não apareça. Aparece sempre, perspectivando a devoção da Santíssima. A pedagogia gusmanina tenta apresentar um contexto luso-europeu do século XVII, em que o gênero feminino apresenta-se sujeito às dimensões sociais propostas pelo homem. Particularmente, as razões lançadas no dorso da figura materna, a responsabilidade para com

⁶⁸GUSMÃO, Alexandre de. *História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito, Em a qual debaixo de huma misteriosa Parábola se descreve o sucesso feliz, do que se ha de salvar, & a infeliz sorte do que se ha de condenar, Dedicada ao Peregrino Celestial, S. Francisco de Xavier, Apostolo do Oriente*. Évora: Oficina da Universidade, 1685, (passim).

⁶⁹ GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia – Dedicada ao Menino de Belém Iesu Nazareno*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslan, 1685, p. 110.

⁷⁰ CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira Da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997, p. 306.

⁷¹CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira Da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997, p. 260.

as virtudes praticadas ou a falta delas, sempre terá um responsável, digo uma responsável, a mãe; ela seria responsabilizada e culpada se a criança não apresentasse boa educação.

4. Considerações Finais

As características da formação social brasileira na colônia mostram expoentes da relação portuguesa e sua interação com a vida social. Tanto no sistema mercantil, como no espírito racional e na educação, entre tantos pontos significativos, encontramos elementos de construção da consciência humana.

Alexandre de Gusmão é um jesuíta dedicado à educação dos jovens, contribuindo para a sociedade do recôncavo e tornando-se espelho de uma vertente pedagógica que se destacava pela vanguarda de conhecer. A pedagogia dos jesuítas era modelo de uma trama que condicionava e buscava hegemonia no campo da educação. A pedagogia contribuiu para formar uma teia de (**inter**)conexões e (**inter**)relações que aproximavam os indivíduos uns dos outros.

Alexandre de Gusmão, antes de formar crianças, formava cidadãos, que contribuía para o reino Português. O ensino das primeiras letras, que se iniciou com Nóbrega (1549) e por toda a parte continuou se processando por via de escolas na colônia, corrobora um projeto catequético que, primeiramente, tinha por meta a conversão e a educação.

A pedagogia gusmanina tentava estabelecer a harmonia dentro do projeto jesuítico. A compreensão que tinha dos indivíduos na sociedade mostra a maneira como Gusmão concebia o mundo. A mulher de sua imagem materna (fragilizada) deveria ser envolvida dentro do exemplo e padrão religioso do mundo católico. A mulher é videira, é árvore frutífera, deveria ser como Maria, pura, santa, exemplo, modelo, deveria se portar de maneira simples e casta. A inovação no discurso está no fato de apresentar uma mulher que deveria sempre amar os filhos e conservar a vida dos infantes.⁷²

Sobre essa mulher recai toda a responsabilidade da criação. Se for descuidada, não criando as crianças no modelo religioso, se negligente ao longo da vida, ou, se por falta de educação a criança provocar a desonra dos pais trazendo vergonha e confusão, a culpa será da mãe, pois ela fica mais tempo com a criança.

No Tratado a figura materna apresentada pela pedagogia gusmanina revela uma unidade familiar centrada no papel da figura materna. À mulher cabe ser fiel, cuidadosa, boa

⁷² GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia* – Dedicada ao Menino de Belém Jesu Nazareno/Séries Clássicos de História e Filosofia da Educação. Lisboa: Oficina de Miguel Deslan, 1685.

esposa, boa mãe, boa religiosa, etc. Essa gama de deveres mostra-nos a dinâmica do patriarca, mas na sua ausência (seja em virtude de estar trabalhando, viajando ou caçando a fim de prover o alimento), à mulher que está presente todo o tempo no lar, cabe manter a harmonia, ensinando a criança, limpando a casa, lavando e cozinhando, sempre se sujeitando ao homem.

O sistema educativo familiar do século XVII no Brasil colonial destacado por Alexandre de Gusmão revela um padrão patriarcal, apesar de tentar mostrar uma perspectiva feminina. Padrão que é desfavorável à mulher, apresentando-a como indivíduo que se sujeita a uma estrutura familiar que pouco a beneficia.

Alexandre de Gusmão vive numa época em que esse era o costume da Igreja e da sociedade e, portanto, não há dolo para o autor colonial quando escreve sobre esse padrão social. A sua pedagogia apresenta um conjunto de imagens na perspectiva patriarcal e nele a figura materna é particularmente responsável por tudo que venha a acontecer com a criança.

5. Referências

5.1 Documentos Primários.

GUSMÃO, Alexandre de. *Escola de Belém*. Jesus Nascido no presépio. Évora: Oficina da Universidade de Évora, 1678.

_____. *Arte de Criar Bem os Filhos na Idade da Puerícia – Dedicada ao Menino de Belém Iesu Nazareno*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslan, 1685.

_____. *História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito, Em a qual debaixo de huma misteriosa Parábola se descreve o sucesso feliz, do que se ha de salvar, & a infeliz sorte do que se ha de condenar, Dedicada ao Peregrino Celestial, S. Francisco de Xavier, Apostolo do Oriente*. Évora: Oficina da Universidade, 1685.

_____. *Meditações Para Todos os Dias da Semana, Pelo Exercício Das Três Potências da Alma, Conforme Ensina S. Ignácio Fundador Da Companhia de Jesus: Pelo Padre Alexandre de Gusmão, da Mesma Companhia*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1689.

_____. *Rosa de Nazareth nas Montanhas de Hebron, a Virgem Nossa Senhora na Companhia de Jesus, Dedicada à mesma Soberana Virgem em sua Gloriosa Assumpção*. Lisboa: Na Officina Real Deslandesiana, 1715.

_____. *Arvore da Vida, Jesus Crucificado. Dedicada Á Santíssima Virgem Maria N. S. Ra Dolorosa Ao Pe Da Cruz*. [Obra Posthuma dada à Estampa Pelo P. Martinho Borges, da mesma Companhia, Procurador Geral da Província do Brasil]. Lisboa: Oficina de Bernardo da Costa Carvalho, 1735, p. 297.

5.2 Livros.

ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e Devotas: mulheres da colônia. Condição Feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil, 1750-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio/ Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1993.

BADINTER, Elisabeth. *Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 202.

BÍBLIA SAGRADA. Edições Pastoral. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1990

BROWN, Dale M. (org.). *Civilizações Perdidas: Grécia: Templos, Túmulos e Tesouros*. 1ª edição, trad. Vera Sílvia Camargo Guarnieri. Rio de Janeiro: Editora Abril Coleções Ltda, 1998.

BUENO, F.S. *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: FAE, 1986, p. 708.

BULFINCH, Thomas. *O Livro de ouro da Mitologia/Histórias de Deuses e Heróis*. 26ª Ed., trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CONSTITUIÇÕES DA COMPANHIA DE JESUS/Normas complementares. São Paulo: Loyola, 2004.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira Da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

ELIADE, Mircea. *História das Crenças e das Ideias Religiosas: da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis*, vol. I. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FRANCA, Leonel. *O Método Pedagógico dos Jesuítas – O Ratio Atque Institutio Studiorum*. Rio de Janeiro: AGIR, 1952.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. São Paulo: Editora Recorde, 2001.

GINGRICH, F. Wilbur e DANKER, Frederick W. *Léxico do Novo testamento Grego/Português*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

LABRADOR, C., BERTRÁN-QUERA, M., ESCANCIANO, A. Díez e ESCALERA, J. Mtnez de la. *La Ratio Studiorum de los Jesuítas*. Madrid; UPCM, 1986.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Tomo V. Lisboa: Livraria Portugália, 1945.

KIRST, Nelson *et al.* *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Editora Vozes, 2009.

MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 1997.

MAGALHÃES, F. *Dicionário Latim-Português*. São Paulo: Editora Lep S.A., 1960.

STRONG, James. *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

5.3 Capítulos de Livros

BERTRÁN-QUERA, Miguel. “Introducción histórica y temática”. LABRADOR, C., BERTRÁN-QUERA, M., ESCANCIANO, A. Díez e ESCALERA, J. Mtnes de la. *La Ratio Studiorum de los Jesuítas*. Madrid; UPCM, 1986.

COSTA, Célio Juvenal. “Educação jesuítica no Império do Século XVI: o colégio e o *Ratium Studiorum*”. In_: PAIVA, José Maria de, ASSUNÇÃO, Paulo e BITTAR, Maria (Org.). *Educação, Histórica e Cultura no Brasil Colônia*. São Paulo: Arké, 2007, p. 33.

DEL PRIORE, Mary. “Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino”. In_: _____. *História das Mulheres no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto/Unesp, 1997, p.78 – 113.

PAIVA, José Maria de. “Religiosidade e cultura brasileira – século XVI”. In_: PAIVA, José Maria de, ASSUNÇÃO, Paulo & BITTAR, Maria, (org.). *Educação História e Cultura no Brasil Colônia*. São Paulo: Arké, 2007, p. 13.

SANGENIS, Luiz Fernando Conde. “Franciscanos na Educação Brasileira”. In_: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. *Histórias e Memórias da Educação no Brasil – Vol. I – Séculos XVI-XVIII*. Petrópolis: Vozes, 2004.

5.4 Artigos

ARCE, Alessandra. “Lina, uma criança exemplar! Friedrich Froebel e a pedagogia dos jardins de infância”. In_: *REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO – N° 020*. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2002.

FELISBERTO, Artur. *NUMANCIA: Imperium Numinibus in Nomine Domine – mitemologia racional (estudo comparado da nomenclatura, etimologia e fenomenologia mística)*. Mimeo: 8 de setembro de 2013. Disponível em: <http://arturjotaef-numancia.blogspot.com.br/2013/09/heteronimos-de-atena-iv-atena-palas.html>. Consultado dia 20 de março de 2014.

FERREIRA JUNIOR, Amarílio. “Os jesuítas na pesquisa educacional”. _____. (Org.). *Em Aberto/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira*. Brasília: Em Aberto, v. 21, n. 78, 2007, p. 10.

VILELA, Ana Maria Jacó. “História da Psicologia no Brasil: Uma Narrativa por Meio de seu Ensino”. In_: *SCIELO/Psicologia: Ciência e Profissão*, vol.32 no. spe. Brasília: mimeo, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1414-989320120005&lng=es&nrm=iso. Consultado no dia 20 de Março de 2013.